

INTERTEXTUALIDADE E RELEITURA: MECANISMOS DE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO GLOBAL DE TEXTOS¹

Larissa Rodrigues Reis Sousa

Acadêmica do VI período do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

Universidade Estadual do Maranhão – CESI - sousalrrletras@gmail.com

Luana Pereira Silva

Acadêmica do VI período do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

Universidade Estadual do Maranhão – CESI - pereirluanash@hotmail.com

Benedito Salazar Sousa

Professor substituto da Universidade Estadual do Maranhão e Mestrando em Letras, pela Universidade Federal do Tocantins – Araguaína

Universidade Estadual do Maranhão – benesalazar@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar discussões acerca da intertextualidade e da releitura, como mecanismos de compreensão e interpretação global de textos. Nosso percurso metodológico deteve-se em realizar um levantamento bibliográfico, para tanto, embasamos nosso estudo nos pressupostos teóricos de Antunes (2010), com a obra *Análise de textos: Fundamentos e práticas*; Fiorin (2014), em *Elementos de análise do discurso* e (2016), em *Introdução ao pensamento de Bakhtin*; Rossi (2003), na obra *Imagens que falam: leitura da arte na escola* e Sousa (2012), em *A Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa: O ensino-aprendizagem da Língua Materna no espaço da sala de aula*. Em vista disso, nossas discussões apontam que para o docente exercer atividades que enfoquem a intertextualidade e releitura, é necessário que se busque constantemente proporcionar suporte ao aluno, de forma que ele desenvolva prática de leitura autêntica em sociedade.

Palavras-Chave: Intertextualidade. Releitura. Mecanismos. Leitores autênticos.

INTRODUÇÃO

Entendemos que para o ensino de língua é necessário que se desenvolva mecanismos para compreensão e interpretação global de textos, percebemos que por meio da intertextualidade e releitura essas práticas tornam-se cada vez mais significativas. Em vista disso, objetivamos discutir acerca da importância do trabalho com a intertextualidade e com a releitura para a prática docente.

No capítulo primeiro realizaremos algumas considerações introdutórias acerca da Linguística Aplicada e da intertextualidade, conceituando a Linguística Aplicada quanto ciência e abordando como se dá sua aplicabilidade e seu uso. No segundo capítulo argumentaremos sobre as práticas de leitura/ escrita e as possíveis releituras que podem ser feitas a partir destas. E salientaremos que essas práticas passam por processos: de idade, sociais e econômicos, e que o professor é o maior contribuinte para instigar o estudante nessa busca de novos olhares e

¹ Trabalho acadêmico.

entendimentos. No terceiro capítulo, questões sobre a compreensão e a interpretação serão colocadas em evidência, de maneira que iremos abordar a importância destas no processo de construção de sentidos, como estratégias que poderão auxiliar no desenvolvimento de leituras.

1 A LINGUÍSTICA APLICADA E A INTERTEXTUALIDADE

Sousa (2012, p. 600) citando Kopschitz e Mattos (1993, p. 8) na revista *Eventos Pedagógicos* nos explica que “[...] a Linguística Aplicada é uma disciplina que se ocupa e, exclusivamente, de situações em que o homem usa a língua para falar dela mesma.” E seu objeto principal “[...] é fornecer subsídios para que as pessoas envolvidas na situação de uso da linguística enfocada reflitam sobre ela criticamente.” (KOPSCHITZ; MATTOS, 1993, p. 20 *apud* SOUSA, 2012, p. 600).

Por esses prismas, a rigor atualmente no Brasil há muitos estudos relacionados com o ensino de Língua Portuguesa, em linhas gerais, vem sendo “há algum tempo tema de discussão de gramáticos, pedagogos, psicólogos etc. que, evidentemente, centraram seus estudos e críticas segundo pressupostos e pontos de vista próprios às suas áreas de conhecimento.” (FARACO; CASTRO, 2008, p. única). Principalmente, no que se refere ao de Língua Materna, e em conformidade a isso a Linguística Aplicada visa, por meio de seus estudos, proporcionar ao professor de línguas, subsídios eficazes para o ensino da mesma.

Na mesma perspectiva, é preciso aclarar que as aulas de Língua Portuguesa, tem sido em sua maioria, uma experiência maçante para os alunos, o que não causa bom aproveitamento, ou até mesmo aprendizado. Desta maneira, obtende-se por meio da aplicação dos princípios práticos, resultados relevantes para o ensino de língua, como por exemplo, o conhecimento intertextual, que permite uma compreensão global de ensino.

A esse respeito, Fiorin (2016, p. 58) nos explica que, “deve-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relações entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade”. Assim, podemos elencar que a compreensão intertextual, quando construída dentro de um sentido de explicação, possibilita compreensões unilaterais, fazendo com que, quando empregada, permita relevância de sentido, tanto para o discente quanto para o docente.

Nesse processo de construção, todo e qualquer texto, só se encaixa no método intertextual, se dentro dele estiver vigente a presença de outro texto, um diálogo, o que Fiorin (2016, p. 58) chama de “materialidades linguística”, “para que isso ocorra, é preciso que um texto tenha existência independente do texto que com ele dialoga”.

Ao lado dessa fixação é necessário entender que, em si tratando de intertextualidade, o processo se liga à Linguística Aplicada, quando interligamos o sentido de diálogo, ao sentido de língua em uso, compreendendo que o sujeito “vai construindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõe a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas” (FIORIN, 2016, p. 61), assim como, o processo de construção textual, no qual o texto original é formado por vozes de outros textos, sem que deixe de ser inédito, em vista que são independentes no tocante ao sentido.

Desta forma, quanto mais conhecimento intertextual se tiver sobre um determinado assunto/texto, mais possibilidades de aplicabilidade e de significações o mesmo terá, pois não será compreendido em um sentido único, restito, e sim em uma concepção unilateral e dialógica. Essa visão faz com que a partir do momento em que o professor de língua dispõe e conhece esses aparatos, tenha maior êxito na adesão à aplicabilidade de um ensino significativo, em que as aulas deixam de ser algo monótono e passe a ser mais prazeroso, motivador e dinâmico.

2 COMPETÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA

Abordaremos neste capítulo o que é leitura, escrita, e como é possível fazer uma releitura aclarando as realidades globais, tendo em vista que ler e escrever não são apenas codificar as palavras e entender, é, além disso, trazer as experiências para a leitura e escrita. Segundo os PCN, a “escrita de textos, a prática de análise e reflexão sobre a língua permite que se explicitem saberes implícitos dos alunos, abrindo espaço para sua reelaboração” (BRASIL, 1997, p. 48).

Em se tratando da língua oral e escrita, é imprescindível o domínio dos mesmos para que se tenha um maior conhecimento social e efetivo. Para escrever o aluno precisa ter aparatos na sua memória, e esses vão surgindo diante das vivências e participações do cotidiano, seja familiar, escolar, religioso, quanto mais compreensão de mundo, melhor se torna a escrita e leitura do ser humano em geral.

Para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, o que ela apresenta e como representa graficamente a linguagem, uma vez que até um sinal é uma forma de leitura, dependendo

de como é colocado e segundo a necessidade do leitor, e de quem escreve, afinal um texto não é definido diante do seu tamanho e sim da importância e relevância que apresenta ao público. Como confirma os PCN: “Um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que deve ser comprado, um conto ou um romance, todos são textos” (BRASIL, 1997, p. 24).

Diante dessa afirmativa, salienta-se que ensinar a escrever e ler textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos concretos, com leitores e escritores sólidos e com situações de comunicação que os tornem real, pois o ato de saber decodificar e transcrever palavras só terá sentido se o aluno conseguir usar para a vida. Depois de vermos a importância da escrita e leitura, e qual é o real sentido que ambas trazem para o aluno, veremos agora a importância e o que é reler um texto.

Podemos nos perguntar o que é releitura? Para isso é preciso entender que assim como há diferentes interpretações de um texto visual, há diferentes possibilidades de releituras desses textos. A releitura será sempre coerente com a compreensão que o aluno constrói na leitura de uma imagem/obra. Cada leitura revela o nível de complexidade cognitiva e o aprimoramento das ideias estéticas do aluno (ROSSI, 2003).

Visto que, releitura é fazer uma leitura e trazer o contexto para a vida é como se fosse uma meditação do texto/ imagem e isso é permitido a partir da subjetividade, das experiências e do contexto. Conforme o desenvolvimento cognitivo e o nível de familiaridade do aluno com arte/texto com aquilo que esteja vendo e analisando. Apesar de ser diferente ler de reler segundo Rossi (2003), a releitura revela o perfil leitor de cada indivíduo. Pois para fazer uma boa interpretação é preciso ler bem para se entender a intenção do criador da arte, seja esta uma poesia, música, pintura, qualquer que seja a forma expressiva da língua.

Podemos entender que a releitura vai passando por processos: de faixa etária, realidades sociais e econômicas, de modo que uma criança, provavelmente será levada a entender um determinado assunto de forma mais concreta, apenas o que mostra e não o que quer dizer, diferente de um adolescente com maiores experiências leitora, possivelmente este terá possibilidades de desenvolver releituras diferentes. Para tanto, será necessário a intervenção do professor, este como mediador deverá buscar entender a capacidade dos seus alunos, e a melhor forma de elaborar mecanismos de leitura e escrita, de modo a aguçá-los à prática, para que esses a partir de então, tenham visões distintas e melhores releituras.

3 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A expressão “compreensão de texto” vai muito além daquilo que é proposto nos livros didáticos como exercícios de compreensão, estes suscitam respostas e reflexões restritas, apenas, ao que está no texto, uma espécie de atividade mecânica na busca de informações, que pouco irá contribuir ao crescimento intelectual de um cidadão leitor. De acordo com Antunes (2010, p. 21-22), não podemos deixar de mencionar que na atualidade, com a implantação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), vemos uma melhoria na elaboração dos livros didáticos, porém a prática em sala de aula ainda persiste em se embasar em concepção ultrapassada, principalmente, nas explicações e nas elaborações de planos de aula. Em vista disso, explicitamos que trabalhar com interpretação e compreensão de texto é exercitar estratégias e habilidades diversificadas para a construção de sentidos mediante um determinado texto.

Para tanto, partiremos agora ao que diz Fiorin (2014, p. 19), acerca do percurso gerativo de sentido, no qual ele afirma que um texto não deve ser analisado de forma a gerar apenas uma perspectiva de sentidos, porque essa poderá ser equivocada. Já que com uma leitura inicial, estará se conhecendo apenas uma parte do objeto, que no caso é o texto, e não o seu todo, por isso há necessidade de haver mais abertura em sala de aula, para que os alunos possam expor o seu olhar, o seu entendimento acerca do mesmo objeto, de modo que assim poderão confrontar e contribuir para o posicionamento de um com o outro, resultando na soma ou na subtração de ideias e informações que serão relevantes à sua prática de leitura significativa.

Esse exercício de compreensão contribuirá para a formação de um cidadão pensante e atuante, sem dificuldades de expor seus pensamentos. Capaz de interpretar o mundo, bem como hábil a desenvolver suas próprias estratégias para solucionar situações práticas de sua vida, sendo uma pessoa mais compreensiva e aberta à aceitação de outras ideias, tornando-se um ser mais tolerante e capacitado para ser inserido socialmente em espaços letrados, afinal esse é o papel fundamental do ensino de língua materna nas escolas, ou ao menos deveria ser.

CONCLUSÃO

Assim, este estudo mostrou que há uma considerável ligação entre o ensino de Língua e o conhecimento intertextual e que a Linguística Aplicada vem oferecer subsídios como bases estratégicas para essa prática, fazendo com que o processo de ensino aprendizagem se eleve de um patamar maçante e desgastante e alcance um nível de experiência significativa, tanto para o docente, quanto para o discente.

O desenvolvimento do aluno pode ser aprimorado por meio do trabalho com a releitura, uma vez que essa auxilia na construção de visões de mundo, tendo em vista que uma educação significativa não é construída apenas com o ensino da leitura e da escrita, mas com a utilização dessas para contribuir ao conhecimento acerca do mundo e das coisas.

Sem sombra de dúvidas, é preciso levantar questões acerca das habilidades e competência, tais como a compreensão e a interpretação, pois essas se fazem necessárias no âmbito escolar no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Para exercer essas atividades, os educadores, devem buscar maneiras de fornecer suporte ao aluno, melhorando e desenvolvendo sua prática de cidadão, leitor crítico, autêntico e atuante em sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Análise de textos: Fundamentos e práticas.** (Estratégias de ensino; 21). São Paulo: Parábola, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** (1º a 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1997.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Elementos de análise do discurso.** 15. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

SOUSA, W. L. de. A LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: o ensino-aprendizagem da Língua Materna no espaço da sala de aula. **Revista Eventos Pedagógicos** v.3, n.1, Número Especial, p. 599 – 610, Abr. 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/604/411>. Acesso em: 19 jun 2016.